A crise do político e a sedução autoritária

Bruno Gonçalves Bernardes[1]

A crise da soberania do político tem dado lugar à gradual sedução autoritária. Aliada a esta sedução surge o novo aparelho ideológico que encontra na felicidade e na transparência novas formas de fetichismo político.

Palavras-chave: crise, democracia, autoritarismo.

"Sou conservador, desde que se preserve a sardinha e não a lata" Agostinho da Silva

Vivemos hoje uma crise de crises: a crise do liberalismo; a crise da desigualdade crescente; a crise climática; a crise dos refugiados; a crise inflaccionista. Nas últimas três a quatro décadas, a globalização, a fragmentação, a perda de autoridade e a ausência de regulação foram altamente elogiadas – e continuam a ser.

Vivemos também, a crise da crise, revelada pela imagética desta enquanto sobressalto contínuo, expectativa de curva do tempo, da mudança esperada pelo momento anunciado em comunicação frenética. Não passam de sintomas de que o mundo velho ainda não morreu e o novo ainda está para nascer. É nestes momentos da história que a memória e o Pensar mais sofrem.

Actualmente, o capitalismo convocanos a participar numa nova ética: a ética do trabalho árduo, tanto na esfera pública como na privada. Já não é a ética enunciada por Max Weber (1905/2025), mas antes a idealização da velocidade e da eficiência, tornados ethos social e político.

A crise do liberalismo pode-se resumir no desejo incessante do consu-

[1] Politólogo, Universidade Europeia, Observatório Político
goncalvesbernardes@gmail.com

mismo contemporâneo. Gilles Lipovetsky (1983/2013, 2006/2007) já salientava que a receita do hiperconsumismo ganhava um impulso próprio. Contudo, nas últimas duas décadas, o consumismo ganhou também um espírito de decadência. Hoje, a força motriz das sociedades e da política é a felicidade; integrada no novo espírito do capitalismo, tornouse o objectivo central das marcas, das organizações, dos decisores políticos e dos educadores. A narrativa impulsionadora da felicidade elevou os ânimos durante algum tempo; mas estaremos prontos para abdicar desta "felicidadequalidade de vida" com o intuito de proteger a democracia?

Existe algum problema em trabalhar mais horas? Recorre-se simplesmente a uma espécie de terapia superficial, na qual o indivíduo se torna o principal problema. "Just do it" é o novo hino nacional — ao qual acrescentaria "não penses". Pensar não tem espaço nem tempo na sociedade da felicidade, onde o fazer é o meio anunciado para alcançar a felicidade. O fazer é o instrumento para atingir uma catarse incessante e sempre repetida: o momento televisivo, o momento de palco, o desejo de sucesso. O "fazer" é uma entidade eternamente insatisfeita. Estaremos, então, preparados para corresponder às suas aspirações?

Em paralelo, a desigualdade aumentou nas sociedades capitalistas, a par dos conflitos religiosos, identitários e étnicos. Ainda na década de 1990, Samuel Huntington (1996/1999) definiu o estado do mundo como um choque de civilizações. Todavia, este choque de "civilizações" (identidades) ocorre hoje sobretudo em democracias ditas consolidadas, onde o conflito político assume formas de exibição despudorada. A acumulação de capital e a ansiedade provocada pela sociedade do consumo abriram as portas para novas formas de extremismo social e político, onde os processos de desumanização e o medo do outro são sintomas narcísicos.

A ascensão do extremismo é uma resposta à incapacidade de concretização, ou à pressão do superego colectivo – a procura de uma catarse autoritária capaz de suplantar a "inação" pela acção frenética, a "incapacidade" pela eficiência, enfim a "mortalidade" pela imortalidade.

O ATAQUE À DEMOCRACIA

Como apontou Ortega y Gasset (1929/2019), todas as revoluções são pósrevolucionárias. Contudo, em consonância com Schumpeter (1942/2018), o capitalismo é uma instituição que se encontra em crise constante, substituindo as suas próprias normas num caos criativo. Naturalmente, o capitalismo não necessita da democracia para prosperar como o caso chinês já o comprovou (Zizek, 2009, 2017); da mesma forma, não necessita do liberalismo clássico, excepto como referência espiritual e académica. Hoje, a nova ética do capitalismo assenta numa sociedade orientada para a acção. E é precisamente aqui que reside o ataque à democracia e ao liberalismo político. O problema da velocidade quotidiana, da frustração, da raiva — "fazer acontecer" — constitui a nova ética do capitalismo, exercendo uma pressão institucional sobre a democracia e a política. Dito de forma irónica e direta:

"Esperemos que Deus nos ajude e que não tenhamos de inventar um novo tipo de sistema político em substituição da democracia, que teria de ser introduzido em nome da sobrevivência económica." Viktor Órban, 2012

As falhas do sistema de *checks and balances* são hoje denunciadas pela sociedade através da nova ética do capitalismo — ser rápido, trabalhar, "just do it", não pensar, apenas fazer. Isto impõe uma pressão incomensurável sobre as instituições, nomeadamente sobre as entidades reguladoras, para que respondam, para que "façam", ou, na ponta desta navalha, para que façam justiça sem a "agenda" liberal e de direitos humanos. Adicionalmente, a política tornase cada vez mais violenta e polarizada: decadência económica, a desigualdade, a perda de regulação e a redistribuição deficiente tornaramse blocos infraestruturais das nossas sociedades. A isto se junta, nas últimas três décadas, a revelada incapacidade do Estado contemporâneo em responder com políticas públicas de carácter duradouro, sendo visíveis as micro-políticas, a política de "gestão de tesouraria", ou o eterno fetichismo das "reformas".

Aquilo que verdadeiramente distingue as democracias europeias de outras democracias é o Estado Social e a ética da regulação. Contudo, sendo o último reduto da democracia, a regulação foi desaparecendo de forma gradual. Os anos gloriosos do EstadoProvidência foram substituídos pelas novas regras dos mercados financeiros e pelos fluxos complexos de informação e capital. Neste sentido, poderá o Estado de Direito corresponder às aspirações impostas pela felicidade?

A felicidade está presente em todas as actividades humanas desde o início da civilização. Porém, tratase apenas de um estado conjuntural, de um momento, e não de uma estrutura da condição humana. A condição humana é também marcada pelo fracasso, pela desgraça e pela morte — precisamente aquilo que a sociedade orientada para a felicidade procura ocultar e superar (Han, 2015, 2021; Zupancic, 2008, 2017). Nas sociedades actuais existe sempre uma negatividade inibida e suspensa, escondida nas sombras, onde a imaginação dá lugar à imagem, o desejo à excitação.

O hedonismo, o epicurismo e o estoicismo, outrora perspectivas contraditórias, ressurgem hoje anunciadas em forma de *tik-tok*, sempre com o objectivo de eliminar o sofrimento e promover a descoberta constante do eu, disfarçado de autoconhecimento. Na sua essência, estas novas formas de autoconhecimento mascaram o medo do outro, o medo do sofrimento, uma autoprotecção constante, onde não existe lugar para a mortalidade e para a negatividade. São também sintomas de períodos críticos da humanidade, de final de impérios, que constituem o actual espírito do tempo.

Neste sentido, e para reconceptualizar a condição humana contemporânea, é crucial compreender a acção orientada para a felicidade como um sintoma das sociedades atuais. As acções orientadas pela felicidade funcionam hoje como forças de relação com os mercados e o capital. Os cidadãosconsumidores tentam corresponder a objectos ideais, procurando não ser excluídos do enquadramento do mercado contemporâneo. Assim, a objectificação conduz o núcleo da acção dos indivíduos orientados para a acção.

A democracia, política e as instituições estão igualmente a ser reconceptualizadas para integrar acções orientadas para a felicidade. Cada política deve ser "vendida" enquanto dispositivo comunicacional capaz de gerar felicidade num curto espaço de tempo; responder rapidamente, ser eficaz a qualquer custo, apresentar números. Neste sentido, a política ficou presa numa jaula transparente, desestruturada, perdendo significativa autoridade.

A QUEDA DO PAI OU A NOVA SEDUÇÃO PELO AUTORITARISMO

Nas sociedades contemporâneas não existe limite de velocidade na forma como os cidadãosconsumidores procuram alcançar a felicidade. A velocidade é o outro sintoma das sociedades orientadas para a acção. O imperativo do "just do it" procura corresponder às aspirações idealizadas do trabalho árduo — o objecto de desejo como primeiro passo para outros objectos de excesso. Difundido pela sociedade da informação, pelo *ethos* empreendedor, o indivíduo trabalhador nunca foi tão idealizado. Contudo, o paradoxo é que nunca estivemos tão distantes desse sonho como hoje: a perda gradual dos direitos laborais, o fortalecimento do capital financeiro e o aumento da desigualdade manifestamse claramente na relação entre capital e trabalho. É neste cenário que a acentuada acumulação de capital aliada às expectativas goradas pela globalização e pelo centro político, geraram não só a reconfiguração de certas classes sociais e a sua relação com o mercado de trabalho e o capital, como também o combustível para o apoio a novas respostas políticas e/ou a formas de extremismo político.

O que se pensava ser a descrença no sistema político – que não era mais do que uma descrença nas escolhas do menu político-partidário e das lideranças – levou a um novo interesse dos cidadãos eleitores por escolhas que colocam em causa o estado das coisas. A perda de autoridade do Estado, do poder político e das instituições reguladoras criou um vazio. Vazio esse que tende rapidamente a ser preenchido. Respostas rápidas tornaramse mais sedutoras, enquanto a autoridade política se esvazia. Felicidade, velocidade e

transparência convertemse em aliados ideológicos das novas respostas políticas e dos autoritarismos. Discursos rápidos, eficientes e transparentes tornamse slogans facilmente apropriados por agentes políticos autoritários.

A transparência tornouse o principal objectivo das instituições e do poder político desde a década de 1990, em paralelo com o crescimento da sociedade da informação. Notícias e fluxos de dados são hoje expostos ao público numa escala e velocidade sem precedentes. A transparência promete credibilizar as instituições através do autoconhecimento, mas também alimenta a desconfiança generalizada em relação ao outro e às instituições. Embora aparente aumentar o capital social, é também um sintoma de uma profunda desconfiança que habita as sociedades: a hipervigilância, a paranóia, as redes sociais e as *fake news* são, neste contexto, complementares e tendem também a "transparecer" a verdade do eu narcísico em constante imagética e *soundbyte*.

Pode a democracia satisfazer as aspirações de felicidade, velocidade e transparência? A democracia tornouse, paradoxalmente, o principal obstáculo à concretização dessa felicidade. Mais frágil do que durante a Guerra Fria, enfrenta hoje uma pressão sem precedentes. Sendo o sistema político mais complexo, a democracia é também o mais frágil. A pressão exercida pelas novas éticas do capitalismo demonstra que este já não necessita da democracia para prosperar. Sem uma teoria geral capaz de responder a este ataque, a democracia permanece vulnerável. Debaixo do véu do capitalismo global, vivemos uma crise das crises, e a democracia precisa urgentemente de ser protegida para restaurar os princípios da regulação e da soberania do político.

Referências

Han, Byung-Chul (2015). *The Burnout Society*. Stanford University Press.

Han, Byung-Chul (2021). *Capitalism and the death drive*. Polity Press.

Huntington, S. P. (1999). *O choque das civilizações e a mudança na ordem mundial*. Gradiva. (Obra original publicada em 1996)

Lipovetsky, G. (2013). *A era do vazio: Ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Edições 70. (Obra original publicada em 1983)

Lipovetsky, G. (2007). *A felicidade paradoxal: Ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. Companhia das Letras. (Obra original publicada em 2006)

Ortega y Gasset, J. (2019). *A rebelião das massas*. Relógio D'Água. (Obra original publicada em 1929)

Schumpeter, J. A. (2018). *Capitalismo, socialismo e democracia*. Actual. (Obra original publicada em 1942)

Weber, M. (2015). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Editorial Presença. (Obra original publicada em 1905)

Zizek, S. (2009). *The Sublime Object of Ideology*. Verso Books.

Zizek, S. (2017). *The Courage of Hopelessness: Chronicles of a Year of Acting Dangerously*. Penguin Books.

Zupancic, A. (2008). *The Odd One In: On Comedy*. MIT Press.

Zupancic, A. (2017), *What is Sex?* MIT Press.